

Ensino fraco

Sr. redator,

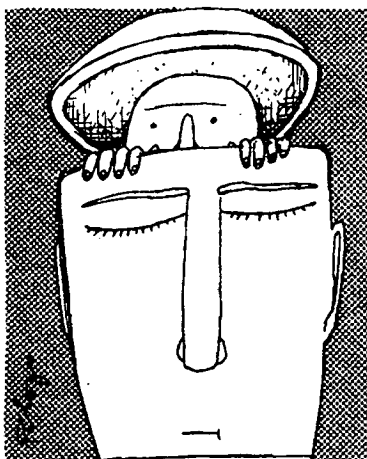
Roselle Amorim (JBr, 25/4) alude com razão, na UnB, à "apatia dos alunos com a escolha de seus representantes para o DCE". Há sobretudo, na UnB, um lastimável, um crescente medo do esforço intelectual. Nessa grave circunstância, cabe aos professores, só aos professores, a tarefa superior de levar o jovem universitário a nutrir duas sensações essenciais: uma, a de que pode saber tudo, malgrado o imenso acervo científico já acumulado pelo homem, e uma outra, a de que pelo menos precisa saber o que não sabe. É, mais a primeira que a segunda, a sensação de Mítia, nos "Irmãos Karamazovi", de Dostoiévski, ou a de "Luiz Lambert", de Balzac.

Nos graves dias de hoje, de desestudo, de incultura, máxime nas universidades do País, onde permanece, segundo J. Artur Gianotti, da USP, um "pacto de mediocridade", o exemplo de Mítia Karamazovi, que não queria milhões, mas respostas às suas indagações, ou o de Luiz Lambert, com sua fome insaciável de leitura, será remédio salutar à alma apática, abúlica, modorrenta do jovem universitário neste País. Não pode ser culpado. Única culpa está na ausência de consciência docente, universitária. Faltam, em todos os níveis de ensino, professores como Campos Lara, humanista, dedicado, personagem de "O Feijão e o Sonho", de Orígenes Lessa.

Essas duas sensações, hoje já não nutridas pelo espírito do jovem, provam que há na educação atual um excesso de pragmatismo. Por isso, tem-se revelado negativa. Neste País, entre os erros da recente ditadura militar, o maior foi a eliminação da filosofia no currículo do segundo grau. Eliminada por desamor à sabedoria, por ignorância, por concessão aos vestibulares, pelo "perigo" das ideologias? Professor de EPB I e II, na UnB, desde 78, logo entendi que a análise sócio-econômica era insuficiente sem lhe acrescentar (e isso despertou o interesse do aluno) o conteúdo axiológico, os fundamentos filosóficos, ideológicos.

Fácil observar, constatar que o jovem, neste País de jovens (53% da população), cada vez raciocina com maior dificuldade. Disso são culpados os cursinhos, que tudo condicionam aos exames vestibulares. Na universidade,

são culpadas as apostilas, que tudo condicionam às provas. Em efeito, domina nas universidades (na UnB, percebi-o há doze anos) o medo do esforço intelectual. Bloom tem razão em reconhecer que as crises nas sociedades decorrem da crise nas universidades. Para afastar a crise nas universidades, propõe a recuperação da tradição humanística, filosófica, literária. Destarte, uma grave, urgente tarefa docente. Carlos d'Eça — Lago Norte.

**Plano Econômico**

Sr. Redator,

Fazia meu curso de Administração Pública na Universidade Federal da Bahia (1970) e ouvi um professor de Economia argumentar que, como a economia de então do Paquistão só era capaz de produzir o suficiente para alimentar e manter metade da sua população, um raciocínio meramente econômico faria concluir que fosse desejável uma catástrofe na qual perecessem 50% dos paquistaneses. Os sobreviventes viveriam na desejável abundância, argumentava o cínico economista. Não me contive e, após blasfemar contra a hipocrisia, lembrando que a produtividade presumida levaria a que metade deles só produzissem o necessário para 50% dos que restassem, retirei-me da — por assim dizer — aula.

Parece incrível que, passados 20 anos, eu me depare com soluções em muito semelhantes àquela. Incapaz de satisfazer ao apetite de todo os brasileiros que precisam consumir e dispõem de moeda para procurarem os bens necessários (ou desejados), gera-se uma inflação explosiva, alavancada por instrumentos governamentais para retirar dinheiro do

mercado e pela insidiosa exportação de divisas. O Plano Collor, argumenta-se, acaba com o problema, congelando os recursos em poder do Governo e (pasmese) retirando-se parcela considerável da moeda circulante.

Elogios pipocam de todo lado, mesmo daqueles que embrenharam-se na campanha do novo presidente embalados pelo seu compromisso com a chamada livre iniciativa (!), um sistema em que o equilíbrio da economia se dá, propalam, pela liberdade de funcionamento do mercado.

Os áulicos franzem os cenhos, (como se estivessem realmente preocupados com isso) para reconhecer que o arrocho vai provocar alguma recessão, produzir desemprego em alguns setores. Minimizam o problema, escondendo a quebraadeira que já se prepara, omitindo que o desemprego já se alastra pelo País, decorrência inclusive de uma realidade econômica em que mais da metade do Produto Interno Bruto é resultado da chamada economia subterrânea. Argumentam (ou rejubilam-se) que "não se ganha uma guerra sem que haja vítimas".

Isto é, arrocha-se os salários de quem conseguir mantê-los, expulsa-se uma multidão de trabalhadores dos seus empregos, decreta-se a morte de uma infinidade de negócios e empresas, obtendo-se como resultado um equilíbrio entre os bens oferecidos pela economia e as compras (demanda) da sociedade. É claro que, se for assim, esquecidos os demais fermentos da inflação, esta vai refluir.

Se não for pelo recrudescimento da violência social, os assaltos, a delinquência de toda ordem, ninguém vai se lembrar dos outros. Nem será notado que existe, no mínimo, uma metade de paquistaneses incomodando, que poderia muito bem estar produzindo para o conjunto da população, se a saída escolhida não fosse reprimir a procura, mas estimular a oferta. De qualquer forma, ao contrário do que fiz em 70, agora não tenho como sair da sala de aula. Fernando Tolentino — Octogonal.

□ Só serão publicadas, no todo ou em parte, as cartas com assinatura, nome legível do remetente e endereço que possibilitem prévia confirmação.